

EDITORIAL

Textos bíblicos, frutos de experiências transformadoras e a memória de Milton Schwantes

Dentro da religião, a literatura sagrada tem sido um forte fator para a transformação da sociedade. Cada religião, em geral, possui seus livros sagrados, considerados inspirados por Deus e normativos para a vida de seus fiéis. Em nossa cultura ocidental, particularmente na América Latina, adota-se como Escritura Sagrada a Bíblia. Muitos de seus textos foram frutos de experiências transformadoras ou de um grupo ou de uma comunidade maior. A história de Israel foi marcada por essas transformações e os textos hebraicos não deixaram de exercer influência sobre as sociedades vizinhas. Grandes civilizações, como o próprio Império Romano, foram sacudidas, politicamente, pela influência dos cristãos e de sua Bíblia. Experiências de grupos de fé crítica e de organizações comunitárias geraram muitos textos que moveram, mais tarde, experiências a partir das Escrituras hebraicas e cristãs. Essas redações, ao longo da história e, particularmente, nos nossos dias, têm sido excelentes programas ou ferramentas que moveram ou movem grupos numa linha questionadora do *status quo* ou das assimetrias sócio-político-econômicas e ideológico-religioso-culturais. Quem pesquisa a literatura sagrada das religiões procura conhecer os meios e os modos de produção do tempo em que surgiu uma determinada literatura antiga. Ele/a faz o confronto com os modos de produção capitalista hodiernos, para detectar a sociedade atual como uma estrutura em tensão e, ao mesmo tempo, propõe ferramentas transformadoras.

Este número está abordando *Textos bíblicos, frutos de experiências transformadoras*. Queremos, num primeiro momento, examinar em que a Literatura Bíblica tem ajudado na transformação social. No momento posterior, olharemos vários textos que surgiram a partir das experiências de mudança. Quer dizer: examinaremos não os textos bíblicos que foram elaborados no palácio ou no templo, porém, aqueles que foram frutos de muita dor, sofrimento e luta e, depois, foram para a literatura. Claro que, por vezes, os escribas ligados a instituições consolidadas respeitaram a oralidade e produziram textos que vieram de momentos transformadores (Tamar, Raab, Rute, alguns salmos etc.). O que este número quer é olhar textos que, de fato, tiveram uma origem de experiências, lá na base, que moveram um ou vários grupos rumo a uma sociedade nova. E as literaturas hebraica e cristã são um testemunho vivo dessas experiências.

Este número está, também, sendo dedicado àquele que foi um expoente da leitura bíblica (popular e acadêmica): Milton Schwantes. Nasceu a 26 de abril de 1946 em Tapera, no Rio Grande do Sul, e morreu em São Paulo no dia primeiro

de março de 2012. Dedicou boa parte da sua vida à leitura comunitária da Bíblia. Era pastor luterano, doutor em Antigo Testamento pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha. A sua tese foi sobre o “Direito dos Pobres”. A Bíblia, na visão do Milton, entende o pobre como quem tem o direito de reivindicar os direitos sociais garantidos. Um pobre, na tradição bíblica, não pede, mas exige sua parcela da sociedade. Quando fazia um tratamento de um tumor na hipófise em 2002, recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Marburgo, na Alemanha. Desde 1988 era professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

A Teologia Bíblica que o ocupava desde os tempos da tese de doutorado, a experiência feita em Cunha Porã (SC) e os contatos ecumênicos faziam-no acentuar a dimensão profética do ministério pastoral e do ser do professor de Teologia Bíblica. Por isso, mais tarde, pediu para não residir no Morro do Espelho, sede das instituições da IECLB, em São Leopoldo, mas no Bairro São Borja, em casa simples. Queria fazer teologia no diálogo com os vizinhos, gente simples. Nesse tempo, fez um apelo: Igreja Luterana, volte seus olhos para os desvalidos. Em pouco tempo, o exegeta ficaria conhecido além das fronteiras da pequena Igreja Luterana e começaria a dar sua contribuição para o estudo da Bíblia que se intensificava em todo o continente latino-americano. Nesse continente, tendo o olhar amplo sobre o texto, procurou, sempre numa linha ecumênica, com outros biblistas, fazer uma leitura engajada na luta pela vida. Quem eram os contemplados? Os explorados, os exilados (eram tempos de ditadura), os oprimidos que, concretamente, eram os afrodescendentes, os povos indígenas, as mulheres, os caribenhos, os pobres.

A esses, Milton os via como sujeitos teológicos. As Igrejas precisavam ouvir os pobres, mulheres, crianças e homens para poder teologizar. Os pobres eram o eixo de tudo. Para isso, Milton, por vezes, citava Gustavo Gutiérrez para frisar que era preciso voltar às manjedouras. Na América Latina não se podia viver sem ser militante de uma fé centrada nos pobres. Para isso, o CEBI foi expressão da sua militância.

Se Milton Schwantes era o pai da *Bibliografia Bíblica Latino-Americana*, era o irmão da *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (RIBLA) e da revista *Estudos Bíblicos*. Estas revistas tem o rosto dele. A revista *Estudos Bíblicos*, por este número, homenageia o seu irmão querido. Vários articulistas o homenagearam, ou no início do artigo, ou durante o corpo do texto.

O primeiro artigo foi elaborado por Francisco Orofino e Carlos Mesters onde fizeram uma linda memória dos últimos cinquenta anos de pastoral bíblica e a contribuição para a transformação das estruturas, especialmente, no Brasil.

O segundo texto é de Marcelo Barros onde ele escreve sobre “Salmo das travessias” (Sl 121), conversando com Milton Schwantes.

Ivoni Richter Reimer e Haroldo Reimer, no terceiro artigo, “Misericórdia quero, uma ética do cuidado a partir das entranhas”. Inspirados na tese de Milton

Schwantes sobre “O direito dos pobres”, relacionam a ação misericordiosa de Deus e das pessoas com a ética do cuidado e do discipulado. Deus continua agindo hoje através das pessoas que se deixam tocar por sua ação misericordiosa.

Joel Ferreira, também, no quarto artigo, alude várias vezes ao Milton em um texto de Mc 13, uma perícopes apocalíptica. Fruto de conversas entre os dois, muitas ideias surgiram para a compilação do artigo.

Valmor iniciou, no quinto artigo, uma bela referência ao Milton antes de escrever “Do Campo para a Cidade e da Cidade para o Campo”.

No sexto texto, Paulo Ueti relembrou o aprendizado bíblico com o Milton e, depois, elaborou “Encontros e desencontros que transformam – *Mutatis Mutandis* – luta e transgressão como conspiração evangélica”, ao aprofundar Mc 7,24-30, o texto da mulher sírio-fenícia.

No sétimo artigo, a quatro mãos, Clodoaldo e Roberto de Oliveira foram a uma carta transformadora, “Gálatas: discurso e realidade”, para mostrar como Paulo entendeu que a mudança, a partir do Evangelho, tinha de ser radical.

Carla Naoun, no oitavo texto, escreveu sobre “Tamar: a mulher que pensávamos conhecer”. Uma perícopes que balançou as bases do patriarcalismo repressor.

Célio de Pádua começou, no nono artigo, homenageando o Milton e, depois, escreveu sobre “Uma Leitura do Livro de Rute: Mulheres pobres e transgressoras do judaísmo”. É uma crítica ao tempo de Esdras e apresentação do novo como as pobres, viúvas, estrangeiras e mulheres viam o futuro.

Também Maria Aparecida de Castro escreveu, no décimo artigo, sobre Rute. Ela intitulou o nono artigo como “Rute: Símbolo da Força Feminina”.

Por fim, Paulo R. Ribeiro abordou a genealogia mateana, olhando as cinco mulheres ali citadas. Então, escreveu uma “Reflexão sobre a Genealogia de Jesus em Mateus”, fortemente, baseado na presença feminina.

Caro/a leitor/a, procurando textos que estão na Bíblia e que foram frutos de experiências transformadoras, queremos que você perceba quão fortes foram aquelas experiências, desde Tamar (Gn 38) até o texto apocalíptico de Mc 13, que mostraram como, quando um grupo se deixava envolver por Deus, a consciência crítica comunitária se aguçava e o não conformismo se manifestava. Esses textos violaram o *stablishment* e propuseram um projeto transformador, baseado na fé em Deus.

Com a gratidão a Deus pela convivência com Milton Schwantes, desejamos a todo/as boas leituras!

Joel Antônio Ferreira

